

## FILOSOFIA, LITERATURA E EDUCAÇÃO: UM ESTUDO DA OBRA O OCEANO NO FIM DO CAMINHO DE NEIL GAIMAN A PARTIR DA NOÇÃO DE NARRATIVA DE RICHARD RORTY

*Philosophy, literature and education: a study of the work The ocean at the end of the way by Neil Gaiman from Richard Rorty's notion of narrative*

Palloma Valéria M. de Miranda<sup>1</sup>

Heraldo Aparecido Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica e tem como objetivo geral identificar nas obras de Richard Rorty elementos teóricos que possam nortear as investigações acerca da relação entre filosofia, literatura e educação. E como objetivos específicos, explicitar a noção de Narrativa na concepção rortyana e investigar os principais aspectos narrativos e temáticos concernentes aos principais personagens da obra *O oceano no fim do caminho* de Neil Gaiman. Contudo, a partir da perspectiva rortyana é possível considerar que a educação tem um importante papel no que tange as relações morais da sociedade. Visto que, as visões de mundo propostas em essencial pela literatura, instiga a criatividade, autonomia e aproxima-se da realidade, promovendo uma relação direta entre o personagem e o leitor. O que acarreta em um alargamento da sensibilidade humana, e principalmente da solidariedade. Por isso, O filósofo neopragmatista introduz a narrativa como principal ferramenta para uma mudança moral e política, visto que, essa é sumamente interligada a imaginação, tal concepção vai contra a filosofia tradicional, que considera a razão como a única fonte de conhecimento. Ademais, Richard Rorty (1994), busca compreender fatores como verdade, conhecimento, linguagem e moral, a partir da noção de contingência, e não como características universais, que se constituem fora do tempo e do espaço, pois, para o filósofo nada escapa ao tempo e o acaso.

**Palavras-chave:** Educação; filosofia; literatura; linguagem.

### ABSTRACT

This work has as its primary objective to identify in Richard Rorty's work theoretical elements that can guide investigations about the relationship between philosophy, literature, and education. A specific aim of the way, explicit of Narrative in the definition of Rorty's work and investigator of the main Narrative and thematic characters concerning the work's main characters. The ocean at the end of Neil Gaiman. However, from Rorty's perspective, it is possible to consider that education has an essential role in society. Since, as worldviews essentially proposed by literature, it instigates creativity, autonomy, and approximation to reality, promoting a direct relationship

<sup>1</sup> Licenciada em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí . Participou do Iniciação Científica Voluntária – ICV/UFPI. Foi bolsista do PET-FILOSOFIA UFPI. Mestranda em Filosofia pela UFPI. E-mail: pallomavaleria10@hotmail.com

<sup>2</sup> Professor de Filosofia da Educação da UFPI. Doutor em Filosofia pela UFSCAR. E-mail: heraldokf@ufpi.edu.br

between the character and the reader. What to do in one of human solidarity, and mostly. Therefore, the unique neopragmatist narrative philosopher introduces as the primary tool for moral and political change since this is highly intertwined with imagination; such creation goes against tradition, which considers reason the source of transformation. In addition, Richard Rorty (1999) understands factors such as natural space, knowledge, language, and morals, based on the notion of time and search because, for the philosopher, nothing escapes time and chance.

**Keywords:** Education; philosophy; literature; language; narrative.

## Introdução

Richard Rorty (1931-2007), foi um filósofo contemporâneo neopragmatista. Ademais, a partir da contribuição pragmática de Peirce, James e Dewey. E de sua leitura inovadora da noção de linguagem de Quine, Davidson e Putnam Rorty elaborou uma concepção neopragmática de investigação da verdade e a reconfiguração histórica do pragmatismo. Na qual, uma de suas principais obra é o livro intitulado *Ironia, Contingência e Solidariedade*. Todavia, é importante ressaltar que sua filosofia não se enquadra nem na busca pelo absoluto, tampouco defende o relativismo. Foi crítico da filosofia tradicional, sobretudo, do platonismo. E Neil Gaiman é um escritor britânico, que começou sua carreira como jornalista, entretanto, seu talento acabou levando-o para o mundo dos quadrinhos para construir tramas, universos únicos, e em seguida para a ficção adulta e infantojuvenil. Ademais, o mesmo nasceu em Hampshire, Inglaterra, e atualmente vive nos Estados Unidos, próximo de Minneapolis. O escritor descobriu seu amor pelos livros ainda na infância e devorava as histórias de C.S. Lewis, J.R.R. Tolkien, James Branch Cabell, Edgar Alan Poe, etc. Ademais, Neil Gaiman é criador da série em quadrinhos Sandman, e das obras literárias Deuses americanos e Caroline. Suas obras receberam inúmeros prêmios e foram adaptadas a bem-sucedidas versões para o cinema, TV e ópera.

Ademais, esta pesquisa bibliográfica tem como objetivo geral identificar nas obras de Richard Rorty elementos teóricos que possam nortear as investigações acerca da relação entre filosofia, literatura e educação. E como objetivos específicos; explicitar a noção de narrativa rortyana e analisar os principais aspectos narrativos e temáticos concernentes aos principais personagens da obra *O oceano no fim do caminho* de Neil Gaiman. Não obstante, torna-se necessário ainda aludir a relação entre contingência e linguagem, à medida que tal conexão é de essencial importância para o pensamento rortyano, e sobretudo, para a construção da figura do ironista liberal.

Não obstante, a partir da noção de contingência e solidariedade o neopragmatista traça uma crítica a tradição filosófica, em essencial, a epistemologia. E propõe uma mudança no modelo político liberal, entretanto, cabe ressaltar que para o filósofo uma



transformação nos aspectos políticos não significa descartar por completo toda a tradição. E nessa mesma linha de raciocínio segue-se as críticas a filosofia tradicional, onde a partir dessa concepção Richard Rorty leva em consideração os conceitos de redescritção, no qual a partir da tradição pode-se construir o novo, onde as mudanças sociais devem ocorrer de acordo com o contexto histórico, nisso o estudioso inova o pensamento filosófico ao inserir a narrativa como principal ferramenta de seu modelo político liberal. Inserindo assim, a linguagem, a consciência e a verdade no âmbito das contingências, ou seja, a partir de uma perspectiva de tempo e espaço. Desse modo, tais características humanas passam a ser analisadas partir da história.

### **Linguagem, contingência e moralidade: a relação entre filosofia e literatura na utopia liberal rortyana**

A obra *Contingência, ironia e solidariedade* foi escrita pelo filósofo neopragmatista Richard Rorty. Não obstante, o estudioso busca tratar no livro, de problemáticas filosóficas a partir da união entre linguagem e contingência, utilizando como base a teoria da linguagem de Davidson<sup>3</sup>. Ademais, o mesmo traça uma crítica a filosofia tradicional, em essencial a epistemologia. Onde, o pensador propõe que a filosofia não deva voltar suas preocupações para encontrar uma verdade universal. Ao passo que, a verdade está atrelada a linguagem humana, por tal, a mesma também está inserida na concepção de contingência. Assim, na perspectiva rortyana, nem a verdade e nem a linguagem pode ser universal e imutável. Com isso, a partir de suas críticas epistemológicas o mesmo elabora também uma proposta de reorganização da democracia liberal, onde o racionalismo deixa de ser o centro e a imaginação ganha uma posição de destaque<sup>4</sup>, em que o mesmo também pontua os conceitos de redescritção e autocriação, elencando ainda uma relação entre cultura e narrativa. “A proposta rortyana defende que a principal ferramenta para a mudança cultural não é argumentar bem, mas falar de forma

<sup>3</sup> Richard Rorty adota a concepção de linguagem davidsoniana, para fundamentar que a linguagem é um fator contingente. Desse modo, em sua perspectiva não há como existir uma linguagem universal, ao passo que a mesma não pode ser compreendida fora da noção de tempo e espaço. Com isso, Rorty reconhece também a contingência da própria consciência humana. “A partir dos textos davidsonianos sobre filosofia da linguagem, Rorty extrai dois pressupostos para a sua noção de redescritção: a assunção da contingência da nossa linguagem e, por conseguinte, o reconhecimento da contingência da consciência. [...]” (SILVA, 2019, p.33)

<sup>4</sup> É possível pontuar a imaginação como “fio condutor” para a autonomia dos filósofos.

alternativa [...]” (SILVA, 2012, p. 514).

Ademais, o filósofo também passa a tratar de questões como linguagem, consciência, verdade, razão e moral, a partir da noção da contingência, onde nada pode ser analisado fora do tempo e do acaso, desse modo é possível dizer que a metáfora e a narrativa são ferramentas cruciais. “[...] Pode apreciar a força da tese que << a verdade é um exército móvel de metáforas >> porque, graças a sua própria força pura, saiu de uma perspectiva, de um conjunto de metáforas para outro” (RORTY, 1994, p. 53). Não obstante, a ironia e a solidariedade também são conceitos chave de sua filosofia, no qual, abre espaço para o filósofo desenhar a figura do ironista liberal e tratar acerca da concepção de crueldade.

De acordo com o neopragmático, o livro propõe que os filósofos devem abandonar a preocupação de tentar encontrar uma teoria capaz de abarcar o público e o privado, que seja capaz de alcançar uma linguagem universal. Pois, a linguagem sendo uma característica do domínio humano, está interligada as contingências, tanto individuais quanto da comunidade. Sendo assim, a linguagem muda segundo o contexto histórico-social a que um indivíduo ou sociedade pertencem. Assim na sua perspectiva, a obra busca demonstrar as concepções que a filosofia pode tomar ao deixar de procurar uma teoria que unifique o público e o privado. Com isso, este campo do saber precisa passar a “se contentar apenas em tratar de exigências de autocriação e da solidariedade humana sendo como igualmente válidas, embora incomensuráveis” (RORTY, 1994, 17). E para isso, o mesmo cria uma figura denominada por ele de ironista liberal. Além do mais, o pensador recorre a autores como; Heidegger, Foucault, Proust, Nietzsche, Baudelaire, Nabokov, Kierkegaard por um lado e Davidson, Habermas, Wittgenstein, Marx, Dewey, Mill e Rawls, por outro. No entanto, não pretende optar por um deles, mas, usá-los para diferentes fins.

De acordo com Heraldo Silva (2019), o filósofo neopragmatista adere a metáfora da caixa de ferramentas proposta por Wittgenstein. Este conceito trata-se de uma analogia entre as diferentes funções que as palavras podem exercer, pois, assim como as ferramentas funcionam a partir de diferentes finalidades, como martelo, serra, etc. As palavras também podem obter diferentes utilidades. Entretanto, Rorty “[...] maximiza a sugestão wittgensteiniana de que o significado é o uso [...]” (SILVA, 2019, p. 258). Assim, o estudioso busca compreender e resolver os problemas filosóficos, reestruturando a linguagem, passando a entender melhor as palavras que são utilizadas no presente.

O *personagem* do ironista liberal representa uma pessoa capaz de levar em



consideração a contingência de suas próprias crenças e de seus desejos mais centrais. Alguém que compreende que o sentido de tudo (mundo, crenças e desejos, etc.), não está relacionado a algo situado para além do tempo e do acaso. Caracterizando-se assim, como um indivíduo suficientemente historicista e nominalista, capaz de perceber tanto as contingências individuais (principalmente suas próprias contingências), e as contingências da comunidade (sobretudo da comunidade democrática liberal) (RORTY, 1994)

Nessa perspectiva, o filósofo atribui que tanto a metafísica, quanto o cristianismo, tem como pano de fundo a tentativa de fundir o público e o privado e buscam uma fuga equivocada do tempo e do acaso. Essa tentativa é exprimida através de perguntas tal como; “[...] <<Porque é que ser Justo é do interesse de cada um?>> [...]” (RORTY, 1994, p. 15). E apesar de filósofos como Hegel tentarem romper com esse impasse, gerados por tais correntes filosóficas e terem proporcionado a libertação gradual, mas constante, da teologia e da metafísica, ainda sim, permanecem presos a tensão entre privado e público. No entanto, o filósofo neopragmático não considera útil fazer essa união, pois, não é possível existir um vocabulário único capaz de abarcar o público e o privado.

Todavia, o que se pode conferir seria uma espécie de conciliação entre essas duas cisões, na qual; o que ele denomina de vocabulário de autocriação é necessariamente privado e não pode ser compartilhado e é impróprio para a argumentação. E o vocabulário da justiça que é necessariamente público e pode *servir* de guia condutor ao ser compartilhado em um meio de troca argumentativa. E destaca que ao invés de se perguntar “porque ser justo é de interesse de cada indivíduo?”, as questões devem se voltar para perguntas como [...] “<<o que devo ser?>>, << O que posso ser?>>, ou <<O que tenho sido?>>. (Essas estão no campo do vocabulário final privado). <<Em que tipos de coisas relativamente a que tipos de pessoas é que tenho que reparar?>> [...]” (RORTY, 1994, p. 181). (Esta última está no âmbito do vocabulário final público).

Assim, é possível dizer que em sua obra, Richard Rorty contrapõe a tradição filosófica, sobretudo a metafísica, não apenas ao propor que tudo é contingente, ou seja, tudo está ligado ao tempo, espaço e acaso. Mais também, retira a Razão do centro das preocupações filosóficas, e da noção de que é apenas através da mesma que se pode conhecer as coisas e encontrar a verdade, e a relaciona com a linguagem. Com isso, é a mente em conjunto com linguagem que são responsáveis por dar sentido as coisas e está por sua vez, também é mutável e está intrinsecamente relacionada a mente humana e a

contingência. Pois, a linguagem muda de acordo com os contextos históricos- sociais, dessa maneira, a verdade, por ser intrinsecamente dependente das frases, também pode mudar. Rompendo com isso, com a ideia que tanto o mundo quanto a verdade estão diante da humanidade. A partir disso é possível dizer que:

[...]Todavia, enquanto os filósofos metafísicos platônicos-kantianos crêem na possibilidade de haver uma descrição exata de como o mundo realmente é; os filósofos pragmatistas por sua vez, não consideram que haja uma tal descrição de como a realidade realmente é *em si mesma*. Assim, para ele, embora as “descrições do mundo” possam “ser verdadeiras ou falsas, o mundo por si próprio- sem o auxílio das atividades descritivas dos seres humanos- não pode” (SILVA, 2019, p. 32)

Segundo Richard Rorty, a filosofia, sobretudo a tradicional, (tal como Platão, Aristóteles, Kant, entre outros), buscou tratar o conceito de verdade como algo universal, único, e independente da mente humana. Onde, a verdade é algo em que o ser humano pode descobrir, pelo fato de essa verdade estar diante deste. Entretanto, parafraseando Rorty, os filósofos insistem que as ciências naturais descubrem a verdade em vez de as fazerem, pontuando como inválido qualquer possibilidade de os seres humanos serem capazes de criarem a verdade em vez de a descobrir, considerando que a verdade está diante dos seres humanos.

Então, para o neopragmatista, a ideia de que tanto o mundo como verdade estão diante dos seres humanos, é uma herança de uma época em que o mundo era descrito como criação de um ser que tinha sua própria linguagem e por sua vez, estava fora da linha temporal. Em contrapartida, o filósofo considera necessário diferenciar a tese “[..] de que o mundo está diante de nós, da tese de que a verdade está diante de nós” (RORTY, 1994, p. 25).

Em suma, para o pensador neopragmatista a verdade não independente da mente humana, pois, a verdade é criada através da linguagem e as frases não podem existir dessa maneira. A partir disso, pode-se dizer que o mundo até pode estar diante de nós, mas, o mundo sem o auxílio das descrições humanas, pautadas através da linguagem, não pode. Assim, tais descrições não podem estar diante dos indivíduos, porque são criações do homem. Sendo assim, “dizer que a verdade não está diante de nós é simplesmente dizer que onde não há frases não há verdade” (RORTY, 1994, p. 25). Dessa forma, a verdade depende das frases, e frases por sua vez, dependem dos vocabulários.

Segundo Richard Rorty (1994), as frases individuais por si só levam a uma competição linguística, na qual, recaem sobre a concepção de que o mundo fornece justificações que permitem decidir qual é mais válida que outra, ou seja, o mundo quem



decide qual frase vence em relação a outra, com isso, permite-se que o mesmo decida entre frases alternativas, e assim, recai a ideia que o mundo é um exemplo de verdade, ou que tal estado torna verdadeira uma crença em correspondência a ela. Levando a concepção equivocada de que o mundo fala conosco, a partir dessa concepção, Ray BouSSERT (2012), introduz que ao conceber a utilidade das visões de mundo, os filósofos interpretam as diferentes perspectivas de mundo como ferramentas úteis para compreender o mesmo, isso acarreta no que é denominado de instrumentalismo. “When philosophers think about how useful a way of looking at the world is, they start thinking about worldviews as tools, leading to the philosophical concept known as “instrumentalism [...]” (BOUSSERT, 2012, s.p.).

Com isso, Heraldo Silva (2019), destaca que filósofos como Michel Foucault e Deluze, aderiram a estratégia da caixa de ferramentas wittgensteiniana, para formular novos conceitos que colaborassem não apenas em um sentido filosófico, mas também para buscar compreender o mundo e a própria realidade. Como por exemplo, as relações de poder em contextos diversificados. Assim, os conceitos dão vasão para proposições teóricas próprias a cada filósofo, ou a cada maneira em que os mesmos buscam entender a realidade através de suas teorias. Com isso, as teorias são interpretadas a partir de um caráter de utilidade. Dessa forma, pode-se dizer que as mesmas devem ser utilizadas para entender o próprio mundo, e em essencial o contexto social em que os teóricos estão inseridos e as relações que decorrem nele. Então, sob a ideia da metáfora de ferramentas, cabe ressaltar a noção de utilidade textual na concepção rortyana. Em que, Heraldo Silva, explica que “[...]em geral aquilo que é útil está sempre em conformidade com os ‘interesses e práticas’ do indivíduo ou do grupo” (SILVA, 2019, p. 263). Dessa maneira:

Uma teoria é como uma caixa de ferramentas. [...] É preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma. Se não há pessoas para utilizá-la, a começar pelo próprio teórico, é que ela não vale nada ou que o momento ainda não chegou. Não se refaz uma teoria, fazem-se outras; há outras a serem feitas. [...] A teoria não totaliza, e teoria se multiplica e multiplica (DELUZE, FOUCAULT, *Apud*, SILVA, 2019, p. 258).

Ao passar de frases individuais para o vocabulário em seu todo, e se levar em consideração as mudanças de um jogo de linguagem, permite –se perceber que a escolha de um vocabulário em relação a outro quer dizer apenas que um é mais útil e foi capaz de encontrar as ferramentas necessárias para explicar algo em um dado contexto histórico.

Nesse sentido, a escolha de um vocabulário não quer dizer que o outro seja conseqüentemente falso. Em suma, torna-se notório que não é o mundo que fala, mas os seres humanos que falam sobre o mundo, sendo assim, este não pode justificar ou escolher qual vocabulário se deve aderir.

[...]Dirigir a atenção (do tipo que é desenvolvida por estudiosos da história intelectual como Thomas Kuhn e Quentin Skinner) para os vocabulários em que as frases são formuladas, e não para frases individuais, faz-nos perceber, por exemplo, que o facto do vocabulário de Newton nos permitir mais facilmente previsões sobre o mundo do que a de Aristóteles não significa que o mundo fala newtoniano (RORTY, 1994, p. 26)

Com isso, o que ocorre é que os vocabulários são contingentes e mudam de acordo com as necessidades, assim, cada vocabulário pode ser útil para determinado fim. Ou seja, preferir o vocabulário de Newton ao de Aristóteles, não torna a teoria do segundo completamente inútil ou falsa, mas apenas, que esta teoria já não consegue mais explicar a realidade do contexto moderno, por exemplo.

Porém, em um dado contexto histórico, tal vocabulário já foi útil e pode servir como base de apoio para criar novos vocabulários. Assim, a troca de um vocabulário para outro não é um aspecto de vontade ou de argumentação, não significa que se prefira uma relação ao outro. Como destaca Rorty, “[...] em vez disso, a Europa perdeu gradualmente o hábito de utilizar certas palavras e adquiriu gradualmente o hábito de usar outras [...]” (RORTY, 1994, p. 27). Desse modo, é possível dizer que todos os conhecimentos são vocabulários, que por sua vez são ferramentas que podem ser utilizadas de acordo com os propósitos úteis a que podem servir e a troca por um novo vocabulário se configura como a mudança de um conjunto de metáforas para outro.

Tornou-se possível desse modo ver um novo vocabulário não como algo destinado a substituir todos os outros vocabulários, algo que pretendesse representar a realidade, mas simplesmente como mais um vocabulário, mais um projeto humano, as metáforas escolhidas por uma pessoa (RORTY, 1994.p. 66)

De acordo Rorty (1994), o pensamento freudiano permitiu ver a consciência moral como algo historicamente condicionado, como um produto tanto do tempo e do acaso como da consciência política ou estética. E desse modo, permite ainda pensar o sentido de piedade não como identificação apenas com um núcleo humano a que um sujeito pertence, mas também permite levar em consideração as particularidades de cada um, e por sua vez as diferenças pertencentes a cada um, considerando os *eus* existentes e ainda a contingencia individual. Contribuindo para compreender que cada indivíduo carrega em si a dualidade de piedade e crueldade, nas palavras de Rorty, “[...] ajuda- nos, a explicar





como uma pessoa pode ser ao mesmo tempo uma mãe terna e uma impiedosa guarda de um campo de concentração ou ser um mesmo tempo um magistrado justo e moderado e um pai frio que rejeita os seus filhos” (RORTY, 1994.p. 57).

Nessa perspectiva, apesar do estudioso tomar como base alguns preceitos estabelecidos por Freud, o mesmo não considera que tal teoria seja a única viável ou universalmente válida. E assim como Hegel, Nietzsche, Davidson, entre outros, é improvável que as ideias de Freud poderiam ser tornadas literais em qualquer ou época anterior.

No entanto, as metáforas de Freud serviram como base e permitiu assimilar seus pensamentos com as ideias dos filósofos citados. Dessa maneira, uma teoria complementa a outra, como pontua Richard Rorty; “Assim as suas metáforas agradam-se da companhia uma das outras, preenchem as linhas umas das outras” (Rorty, 1994, p. 67). Assim, compreende-se que não existe apenas uma única Descrição correta e válida, mas sim, um repertório crescente de descrições alternativas do mundo e da realidade.

E a partir do ponto de vista do filósofo, também pode-se considerar que um vocabulário anterior pode ajudar a criar um novo vocabulário, o que permite que haja a recontextualização. Ou seja, uma teoria nova sempre tem como uma base antiga, que permite que cada filósofo seja “um leitor mais inteligente e o crítico mais devastador do seu respectivo antecessor”. Permitindo o teórico mais novo aprender com seu antecessor e consequentemente ultrapassá-lo.

[...]Sócrates recontextualizou Homero, Santo Agostinho recontextualizou as virtudes pagãs, tornando-as em vícios esplêndidos, tendo depois Nietzsche invertido a hierarquia; Hegel recontextualizou Sócrates e Santo Agostinho de modo a torná-los ambos antecessores igualmente *aufgehoben*, Proust recontextualizou (constantemente) todas as pessoas que conheceu; e Derrida recontextualizou (constantemente) Hegel, Austin, Searle e todos quantos lê (RORTY, 1994, p.173)

Diante disso, o autor sugere que os filósofos podem demonstrar não serem apenas uma réplica ou cópia, a partir do momento em que considerarem suas próprias experiências, percebendo suas próprias contingências individuais; “conseguindo colocar no papel aquilo que é distintivo a cada um de nós- a diferença entre a nossa própria lista de cargas e das outras pessoas” (RORTY, 1994, p. 48).

Dessarte, para que os filósofos não permaneçam construindo novas soluções para antigos problemas, Rorty (1994), propõe que estes enfrentem as marcas cegas propiciadas

pelo acaso, reescrevendo essa marca em termos seus, a partir de suas próprias experiências, proporcionando assim, uma nova redescrição da realidade, pautado sob um vocabulário que gire em torno das noções de metáforas e de autocriação. Criando novas metáforas e novos vocabulários, tornando, nítida a presença do autor.

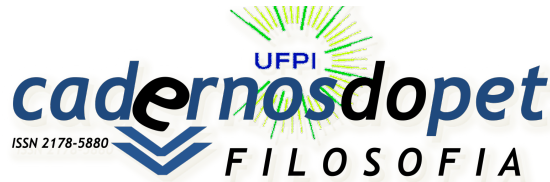
Veremos a necessidade consciente do poeta forte demonstrar que não é uma cópia nem uma réplica como sendo uma forma especial de uma necessidade inconsciente que todos têm: a necessidade de enfrentar a marca cega que o acaso lhes deu, de fazerem um eu para si reescrevendo essa marca em termos seus, ainda que apenas marginalmente seus (RORTY, 1994, p. 70).

A partir disso, o filósofo atribui ainda necessidade de uma redescrição da democracia. Pois, para o mesmo os vocabulários do racionalismo e do iluminismo, mesmo sendo essenciais para os começos da democracia liberal, acabaram tornando-se um impedimento para a preservação e o progresso das sociedades democráticas. Entretanto, o pensador deixa nítido que não busca fornecer uma defesa fundamentalista de uma nova democracia liberal, mas sim, redescrever e propor uma organização política liberal. Onde a contingência é a principal virtude dos membros de sua utopia liberal. Em que a figura do ironista liberal é tomada a partir de um ponto central.

Podemos ver essas pessoas como como fazedoras de ferramentas e não como descobridores, porque temos um sentido claro do produto que a utilização dessas ferramentas produziu. O produto somos nós- a nossa consciência, a nossa cultura, a nossa forma de vida (RORTY, 1994, p. 85)

De acordo com Richard Rorty (1994), redescrever a democracia liberal, não significa descartar por completo os antigos vocabulários, mas sim considerar que estes vocabulários serviram como meios para chegar à concepção de sociedade contemporânea, por exemplo. Produzindo ferramentas que possibilitaram trazer discussões que antes não eram possíveis, pois, “[...] tendo chegado mais tarde, podemos contar o tipo de história do progresso que os que efetivamente os fazem o progresso não podem contar [...]” (RORTY, 1994,p.85)

É cabível dizer que a partir do pensamento rortiano a moral pode ser compreendida, por meio, de um caráter contingente, onde já não cabe mais ideais universais, tais como o de imperativo categórico proposto por Kant, por exemplo. E nisso, Rorty (1994), propõe uma narrativa histórica sobre ascensão das instituições e costumes liberais, dessa maneira, as instituições e costumes passam a ser concebidos para diminuir a crueldade, e tornar possível o governo através do consenso dos governantes e permitir que haja tanta comunicação livre de dominação quanto possível (RORTY, 1994).



Dessa forma, tudo deve ser negociado entre os falantes da linguagem do contexto sociedade-histórico em que estão inseridos. Haja vista, pode ser caracterizada como uma cultura nominalista e historicista, que adotaria como base uma narrativa capaz de ligar o presente e o passado por um lado, e as utopias futuras por outro. No qual o ironismo teria uma posição central nessa utopia liberal.

Ao aderir um caráter contingente para a moralidade, Richard Rorty (1994), passa a inserir uma relação entre moral e história, ou seja, a moral é intrínseca a historicidade, por isso, não pode ser compreendida como algo universal e imutável. Pois, as condutas morais mudam com o decorrer do tempo, e o que é moralmente aceito no presente, pode não funcionar da mesma maneira no futuro. Assim, como cada sociedade pode ter princípios morais próprios a seu contexto.

Tal perspectiva, aproxima-se do pensamento do filósofo Friedrich Hegel, no sentido de que para o filósofo, as ideias de mundo são sociais, por isso, a razão e a realidade encontram-se interligadas, intrínsecas aos fatores históricos sociais. Por tal, não há uma conduta moral universal que possa ser instaurada como fio condutor de todas as relações humanas. Contudo, a consciência hegeliana, só pode ser formada a partir da interação com o outro, tal interação molda e constrói o comportamento humano, a partir das diferentes visões de mundo. Contudo, a realidade não pode ser ressaltada como única e acabada, e a verdade de um indivíduo, pode não ser a verdade de outro. Assim, a contradição é o fundamento do pensamento, ou seja, as diferenças devem ser reconhecidas, por tal, não há como existir verdades universais.

[...] Surgiu porém agora o que não emergia nas relações anteriores, a saber: uma certeza igual a sua verdade, já que é para si mesmo seu objeto, e a consciência é para si mesmo o verdadeiro. Sem dúvida, a consciência é também nisso um ser-outro, isto é; a consciência distingue, mas distingue algo tal que para ela é ao mesmo tempo um não-diferente (HEGEL, 1988, p. 119).

Para Rorty, deve-se abandonar a ideia de que o intelectual ou o político é racional, com isso, o mesmo pontua que a distinção entre racional/irracional se torna menos útil do que parecia. Na medida em que, percebe-se que o progresso tanto para a comunidade, como para o indivíduo, é apenas uma questão de usarem novas palavras. Então, para o neopragmatista a descrição da relação entre velho e novo não se adequa bem a um vocabulário crítico que gira em torno de noções como racional, critérios, argumentos, fundamento e absoluto. Assim, nenhum indivíduo pertencente a uma sociedade

democrática obtém um critério único e indiscutível, ou um metavocabulário capaz de definir o que é razão, justiça, verdade, etc.

Ao conceber que Liberdade está relacionada aos reconhecimentos das contingências, o pensador passa a considerar ainda que a *validade absoluta*, já não faz mais sentido, “[...] a não ser pressupondo um *eu* que se dívida de forma assaz e clara na parte que partilha com o divino e na que compartilha com os animais [...]” (RORTY, 1994, p. 75).

Outrora, segundo o neopragmático, os seres humanos são rodeados de um conjunto de palavras que empregam para justificar as suas ações, crenças e suas vidas. E é por meio dessas palavras que costumeiramente os indivíduos contam sobre a história de suas vidas, e essas palavras Rorty (1994), chama de *vocabulário final*. Haja vista, o vocabulário final constitui o ponto até onde um sujeito pode ir com sua linguagem, e esse vocabulário geralmente é representado por palavras como <<verdadeiro>>, <<bom>>, <<certo>>, <<Cristo>>, etc. Como por exemplo, a frase: “*Cristo considera os homossexuais pecadores*”. Tal situação pode ser considerada o exemplo de um vocabulário final na medida que tanto se emprega uma palavra de representação desse tipo de vocabulário, tanto pelo fato de que a palavra nesse sentido é utilizada para justificar uma crença. Partindo dessa percepção, cabe frisar que o vocabulário final aparece com frequência nos jogos de linguagem do senso comum.

Dessa maneira, o filósofo constitui que o único capaz de duvidar frequentemente desses vocabulários finais é o Ironista. E Rorty caracteriza essa figura sob 3 aspectos: “1) tem dúvidas radicais e permanentes sobre o vocabulário final que correntemente utiliza, vocabulários tidos por pessoas ou livros que encontrou; 2) apercebe-se de que a argumentação formulada no seu vocabulário presente não poderá subscrever nem dissolver tais dúvidas; 3) na medida em que a filosofia sobre a sua situação, não pensa que o seu vocabulário esteja mais próximo da realidade do que outros nem que esteja em contacto com um poder que não seja ele próprio” (RORTY, 1994, p. 103.).

Em resumo, as ironistas com inclinação para filosofar não consideram a opção entre vocabulários como sendo feitos, tampouco no interior de um metavocabulário neutro e universal, nem na tentativa combater as aparências com o propósito de ir em direção ao real, a uma realidade metafísica, mas simplesmente por meio de um confronto entre o novo e o velho. “E o contrário da ironia é o senso comum, já que este é o suporte do senso comum, sem autoconsciência, descrevem tudo o que é importante nos termos do vocabulário final, ao qual eles e os que os rodeiam estão habituados” (RORTY, 1994.p.



104).

“Na minha utopia, a solidariedade humana seria vista não como facto que haveria apenas de reconhecer uma vez removidos os <<preceitos>> ou alcançadas as profundezas até então ocultas, mas sim como objetivo de atingir.” (RORTY, 1994.p.18). Não obstante, a ferramenta chave na utopia liberal política proposta pelo autor é a solidariedade. Na qual, esta é colocada em posição de objetivo a ser alcançado, não pela investigação racional, mas pela imaginação, por meio da capacidade imaginativa de ver em pessoas estranhas como companheiras de sofrimento, cabe destacar que para o mesmo a humilhação é algo a que todos estão propensos.

[...] no meu jargão esta capacidade é a capacidade de distinguir entre a questão de saber se você e eu partilhamos o mesmo vocabulário final e a questão de saber se você está a sofrer. Distinguir questões públicas de questões privadas, questões sobre o sentido da vida humana, o domínio da liberdade do domínio do ironista. Torna, assim, possível uma mesma pessoa ser ambos (RORTY, 1994, p. 246)

Em suma, o mesmo eleva a importância de haver um alargamento da sensibilidade em relação as outras pessoas, não levando em consideração apenas as semelhanças, mas também as diferenças. Pois, isso permitiria a expansão da solidariedade de modo que um indivíduo não se solidarize apenas com aqueles a quem tem proximidade e que fazem parte de seu eixo.

### **Educação, filosofia e literatura: análise da obra *O oceano no fim do caminho* a partir da perspectiva de Richard Rorty**

A partir da narrativa do protagonista da obra *O oceano no fim do caminho*, pode-se dizer que o livro narra a história de um adulto que por muito tempo sentia a necessidade de se reencontrar. Não obstante, o personagem principal consegue demonstrar que por mais que se queira apagar questões mal resolvidas no passado, elas sempre acabam respingando no presente. Desse modo, algumas vezes se faz necessário retornar as raízes para se conectar consigo mesmo. “Eu faço arte, às vezes arte verdadeira, e às vezes isso preenche os espaços vazios da minha existência” (GAIMAN, 2013, p. 53). Com isso, é possível considerar que autor utiliza em alguns momentos, o que o filósofo Richard Rorty (1994), denomina de vocabulário final, ao passo que é o próprio personagem que narra sua história. Outrora, segundo o neopragmatista, os seres humanos são rodeados de um

conjunto de palavras que empregam para justificar as suas ações, crenças e suas vidas. E é por meio dessas palavras que costumeiramente os indivíduos contam sobre a história de suas vidas, e essas palavras Rorty chama de *vocabulário final* de uma pessoa. “Esse vocabulário é <<final>> no sentido em que, se lançar dúvida sobre o valor dessas palavras, o seu utilizador não tem qualquer recurso argumentativo não circular” (RORTY, 1994, p.103).

Ademais, as narrativas do livro *o oceano no fim do caminho*, permitem compreender a proposta de Richard Rorty, acerca de a literatura ser capaz de promover uma ampliação da solidariedade, à medida que para o filósofo os literatos tem uma propensão para conseguir atingir a sensibilidade de seus leitores, através da identificação dos mesmos com a história narrada. Nesse sentido, a narrativa de Neil Gaiman, consegue permear entre a fantasia e o real, ao passo que o autor levanta questões como, por exemplo, problemas na infância e na vida adulta, a relação da infância com a vida adulta, frustrações da vida adulta e as válvulas de escapes que muitas vezes utilizamos para fugir da realidade. A força que a memória pode ter em levar alguém para um lugar extraordinário; é, provavelmente o mais importante. E apesar de se tentar deixar o passado completamente para trás, ele sempre acaba voltando e que às vezes é importante colocar a *criança presa dentro de si para fora*.

Eu já estivera ali, muito tempo atrás? Tinha certeza que sim. As memórias de infância às vezes são encobertas e obscurecidas pelo que vem depois, como brinquedos antigos esquecidos no fundo do armário abarrotado de um adulto, mas nunca se perdem por completo. Parei na seleta na entrada da casa e falei: - Olá? Tem alguém aí? (GAIMAN, 2013, p. 13).

A partir dessa concepção, cabe ressaltar que o instrumento chave da obra do autor norte-americano, é a imaginação. Na qual, esta característica tem um papel fundamental em todo o decorrer da história, e pode ser compreendida como um dispositivo de fuga da realidade utilizado pelo personagem, em essencial, para enfrentar momentos difíceis. Na perspectiva rortyana, a imaginação tem uma importante função tanto filosófica, quanto política. Visto que, de acordo com Heraldo Silva (2021), ao apresentar a sugestão de uma utopia liberal, Richard Rorty, interpõe que a solidariedade humana deve ser um propósito a ser atingindo não pela sofisticação das teorias filosóficas, mas sim que seu alcance pode ser proporcionado por meio da imaginação. Assim Heraldo Silva (2021), destaca que;

Mesmo que de modo contínuo e gradual, a substituição do sermão e tratado pelo romance, filme e televisão, já configura essa mudança. Essas narrativas, entre outras, alcançam de maneira mais real, a missão de ver outros seres humanos



como um de nós e não como eles, pois essas é uma tarefa para gêneros e não para teorias (SILVA, 2021, p. 94).

Assim, Richard Rorty faz uma distinção entre público e privado, em que sugere que é essencial diferenciar os livros que ajudam os indivíduos a se tornarem autônomos, de livros que os ajuda a tornarem-se menos cruéis. A primeira classe de livros é dividido em duas categorias: 1) livros que nos ajudam a ver os efeitos de práticas e instituições sobre os outros e 2) livros que nos ajudam a ver os efeitos das nossas próprias idiossincrasias privadas sobre os outros. Não obstante, o estudioso considera como melhores exemplos destes dois tipos de livros os romances (como os de Nabokov) e por livros que tratam sobre escravatura, pobreza e preconceitos, jornais e por comissões governamentais.

E a segunda classe de livros, “são aqueles que demonstram como certos tipos específicos de pessoas são cruéis para outros tipos específicos de pessoas”. (RORTY, 1994.p.179). E os exemplos de livros que são capazes de mostrar a cegueira de um determinado tipo de pessoa relativamente à dor de outro tipo de pessoa, são as obras de ficção. Então o filósofo neopragmático propõe que a literatura e não a filosofia, seja capaz de expandir a nossa sensibilidade e diminuir a crueldade humana. Por que a filosofia, ao tentar analisar problemáticas relacionadas a moral, acaba transformando os sentimentos morais em regras para decifrar dilemas referentes a moralidade. Já, a literatura é capaz de sensibilizar o leitor, alargando assim a sensibilidade, ao invés de procurar teorias que solucionem tais problemas. “[...] É mais provável que repararmos nas alegrias ou nos sofrimentos de uma pessoa se a nossa atenção for dirigida para isso pela indiferença surpreendente de outra pessoa [...]” (RORTY,1994, p. 207).

Não obstante, a história de Neil Gaiman, é narrada pelo personagem principal: este por sua vez não tem um nome definido. Ademais, a narrativa se desenvolve a partir da volta de um homem, para uma pequena cidade, na qual havia passado sua infância e vivido sua maior amizade. Com isso, no decorrer da viagem o personagem passa a se lembrar de cada detalhe de sua infância, deixando-se tomar pelas boas, ruins e fantasiosas lembranças de sua vida. Assim, a partir da trajetória histórica do personagem, é possível compreender que o mesmo faz uso, principalmente, do vocabulário individual, proposto por Richard Rorty, ao passo que o menino, faz uso de sua imaginação, para compreender suas próprias experiências. Assim, é possível dizer que a noção de narrativa para o

filósofo neopragmatista, também está sumamente interligado a imaginação, à medida que segundo Heraldo Silva (2019), apesar de o uso rortiano de narrativas ser geralmente relacionado a reconstruções históricas, também é utilizada como ferramenta crucial para contar histórias integralmente ou parcialmente fictícias. Assim, a narrativa utilizada por Neil Gaiman, aproxima-se do pensamento de Richard Rorty, ao passo que o fato do personagem não ter um nome definido, tanto dá sentido a existência do autor, quanto provoca o próprio leitor a refletir sobre o significado de sua vida, aproximando a ficção da realidade. Nessa perspectiva Heraldo Silva (2019), explica que:

[...] Para Rorty, narrativa significa contar uma história [storie] sobre alguma coisa e o propósito de tecer tais narrativas é dar sentido à existência do autor. (BORRADOI, 1994, p114-115). Esse sentido é parcial e contingente porque os seres humanos são livres para modificarem, sempre que desejarem- ou forem provocados – o significado de suas vidas (SILVA, 2019, p. 263).

Antes de retornar a Sussex, sua cidade de origem, o personagem não se lembrava de quase nada da época que era criança, provavelmente acontecimentos difíceis de sua infância pode tê-lo feito querer apagar as memórias de seu passado. Mas, em um dia difícil tais memórias vem com muita força em sua mente e sem perceber o mesmo pega a estrada que o leva a sua cidade, passando por sua antiga casa. E no momento em que chega a velha casa, o personagem pensa em dar meia volta e deixar o passado para trás. Porém, ao seguir pela estrada que levava a fazenda Hempstock, o homem sente-se curioso e deixa-se levar pelas memórias e pela imaginação, mergulhando profundamente em sua infância. E depois de conversar com umas das senhoras Hempstock, vai até o antigo lago da fazenda, onde este era considerado por sua melhor amiga um oceano (GAIMAN, 2013).

A partir disso, o personagem da fase adulta faz uso de sua imaginação para lidar principalmente com o momento de luto. Nesse sentido, é possível entender que nessa fase o mesmo enfrenta um confronto entre o adulto racional e a criança interior que é dominada pela imaginação. “Estava dirigindo a caminho de uma casa que há décadas não existia mais. Pensei em dar meia-volta nesse momento, quando já seguia por uma pista larga que um dia fora uma estradinha de pedras ao lado de um campo de cevada, em retornar e deixar o passado em paz. Mas fiquei curioso” (GAIMAN, 2013, p. 11). O que transparece de modo recorrente na vida real, ao passo que é comum que geralmente os indivíduos sociais sejam divididos entre imaginação, razão e/ou paixão. Dessa maneira, Richard Rorty (1994), relata que ao aceitar a oposição entre razão e paixão ou razão e





imaginação, seria o mesmo que levantar questões contra os próprios liberais. Assim, o que se torna essencial para o filósofo, é não dividir as pessoas entre razão e paixão, mas, pelo menos restringir o uso da distinção tradicional entre convicção racional e convicção provocada por razão e não por causas. Então, a melhor forma de restringir este uso é limitar a oposição entre formas racionais e irracionais do uso de persuasão. “A imagem tradicional do eu dividido entre a busca cognitiva da crença verdadeira, a busca pela moral correta e a busca estética da beleza (ou da <<expressão adequada do sentimento>>) deixa pouco espaço quer para a ironia, quer para a procura da autonomia” (RORTY,1994, p. 181).

Entretanto, o autor permite que a figura fictícia de sua obra seja dominada pela imaginação e curiosidade, o que abre espaço para autonomia. Conseguindo demonstrar que a imaginação faz parte de todos os seres humanos, e pode ser importante para compreender o dia-a-dia. E essencial, deixa explícito que até mesmo o ser humano mais racional, pode precisar da imaginação. Assim, essa característica humana não é descartável, como apontavam os filósofos tradicionais, mas sim, é uma ferramenta essencial para instigar a autonomia e compreender as relações com o mundo.

[...] a sugestão de uma utopia liberal, onde a solidariedade humana é vista como um propósito a ser atingido não pela sofisticação teórica, mas através da imaginação. Uma tarefa, por tanto, para os gêneros de narrativa, capazes de nos sensibilizar e de nos fazer ver outros como um de nós, além de promover mudança e progresso no âmbito da moral (SILVA, 2021, p. 92).

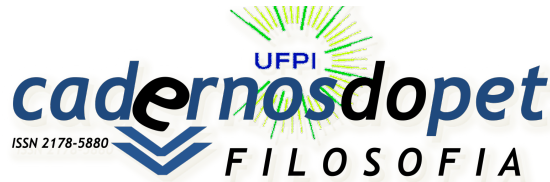
Não obstante, a história ganha um novo olhar, passando a demonstrar os momentos bons e difíceis da infância do personagem. Ademais, a narrativa passa a se desenvolver com o narrador sendo apresentado prestes a completar 7 anos e com os preparativos de sua festa de aniversário; sendo que, quando criança, o personagem não tinha muitos amigos. O mesmo tinha dificuldades para fazer amigos, e isso resultou no fato de ninguém comparecer a sua festinha. No entanto, ele passa a ser confortado pelo amor da família e a companhia de seus livros, pois, para ele os livros eram seu refúgio. Haja vista, a falta da presença dos convidados passou a ser preenchida também pelos presentes, onde um desses foi um gatinho, cujo nome foi definido como fofinho. Assim, o garoto passa a sentir-se completo na companhia de seus livros e do seu mais novo amigo de quatro patas.

A relação do personagem com os livros, permitia que o mesmo fosse capaz de *criar um mundo* paralelo a sua realidade, para fugir dos medos e incertezas da vida real. Os livros seriam sua companhia na falta de amigos reais. Assim, é possível compreender

que tais obras funcionavam como uma válvula de escape para o garoto lidar com a humilhação de seu aniversário, e também de seu dia-a-dia. Visto que, a rejeição e a dificuldade em fazer novos amigos seria um problema muito difícil para um garoto de sete anos lidar de maneira *bruta*, ou seja, uma criança não conseguiria enfrentar a realidade da rejeição sem deparar-se com o sofrimento constante.

Outro ponto que chama a atenção, é o fato de o menino representar alguém que pode ser considerado como um sujeito socialmente invisível. Alguém que a maioria da sociedade interpretaria como estranho, e provavelmente passaria despercebido, como ocorre, no cenário de seu aniversário, em que os colegas convidados não comparecem. Aderindo ao pensamento de Jonas Braudry (2012), é possível notar que Neil Gaiman, consegue analisar uma relação entre invisibilidade e moralidade. Pois, ao ignorarem a criança, a comunidade de que faz parte, age de maneira egoísta, não percebendo que o garoto sofre com a ausência dos amigos, e os pais não conseguem perceber que seu *mundo de fantasias*, funciona como um dispositivo para melhorar sua própria realidade. “[...] Estava triste por ninguém ter ido a minha festa, mas feliz por ganhar um boneco do Batman, e ainda havia um presente de aniversário para ser lido: a coleção completa de As Crônicas de Nárnia, que levei para meu quarto. Deitei na cama e me perdi nas histórias” (GAIMAN, 2013, p. 15). Com isso, é importante destacar que “if someone is invisible, we don’t notice them and therefore we don’t consider them worthy of moral consideration” (BRAUDRY, 2012, s.p.). Geralmente as pessoas costumam ignorar aqueles que não fazem parte de seu campo moral, passando considerar problemas sociais, grandes ou pequenos, como algo irrelevante por não ter uma interferência direta em sua vida particular. Perspectivas como essa traz à tona a responsabilidade moral de todos os indivíduos frente as dicotomias morais da sociedade. Entretanto, esse critério de responsabilidade muitas vezes é anulado por acreditar-se que a algumas atitudes não tem valor moral, como por exemplo, ajudar uma criança que se sente sozinha, um mendigo, ou tornar situações criminosas como algo *comum*, tal como situações de assédio ou de racismo, descrevendo como algo politicamente e socialmente insignificante.

[...] <<a prisão sem julgamento, o uso de prisioneiros de guerra como escravos, as execuções públicas, o uso de reféns e a deportação de populações inteiras>>, a ideia de que as distinções de riqueza, talento, força, sexo e raça não são relevantes para a política pública- foi um dia um conjunto de fantasias tão implausíveis como as associadas ao coletivismo oligárquico de O’Brien [...] (RORTY, 1994, p. 231).



instigada pelos livros, para que seu sofrimento seja amenizado. Parafraseando Richard Rorty (1994), a literatura pode ter o dom de esclarecer as relações com o mundo real, com isso, a trajetória do menino permite compreender o papel da literatura em fazer os leitores entenderem sua própria história e em essencial evidenciar como ocorre as relações na vida real, durante o cotidiano. Dessa maneira, o filósofo relata que histórias fictícias, romances, entre outros, não devem apenas permitir a comparação entre ficção e realidade, mas precisam ser pensadas como redescrições do que está acontecendo ou que pode acontecer. Assim, deve-se “[...] comparar não com a realidade, mas sim com descrições alternativas do mesmo acontecimento [...]” (RORTY, 1994, p. 217). Tal relação fica evidente, quando o personagem de *o oceano no fim caminho* passa a comparar a vilã, uma mulher adulta com um monstro, para encarar sua crueldade. Essa *distorção* de realidade pode ser exemplificada como uma construção de uma redefinição dos acontecimentos ruins que ocorreriam naquele momento.

[...], Mas Little era só uma menina, mesmo sendo grande, mesmo tendo onze anos, mesmo tendo onze anos havia muito tempo. Ursula Monkton era adulta. Não importava, naquele momento, o fato de ela ser cada monstro, cada bruxa, cada pesadelo personificado. Ela era adulta, e, quando os adultos entram em guerra com as crianças, eles sempre vencem (GAIMAN, 2013, p. 72).

Ademais, o garotinho também sofre uma grande decepção quando seu gatinho é atropelado por um minerador de opala, que o presenteia com outro gato, porém, o personagem não se satisfaz, pois nada poderia substituir o fofinho. Todavia, além da perda do fofinho, sua família passa também a ter complicações financeiras e acaba alugando seu quarto para o minerador de opala que havia atropelado seu gato. A partir daí o menino precisa dividir o quarto com sua irmã mais nova, a partir daí os problemas começam a complicarem-se (GAIMAN, 2013).

Com isso, a dor que o garotinho sente ao perder seu bichinho de estimação e a frieza com que o minerador de opala lida com a situação, permite compreender o sentido de solidariedade para Richard Rorty. Pois, o filósofo eleva a importância de haver um alargamento da sensibilidade em relação as outras pessoas, não levando em consideração apenas as semelhanças, mas também as diferenças, pois, isso permitiria a expansão da solidariedade de modo que um indivíduo não se solidarize apenas com aqueles a quem tem proximidade e que fazem parte de seu eixo. Para Rorty (1994), a solidariedade deve

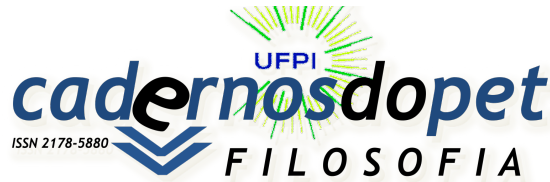
chegar também aqueles que estão fora da *bolha de convivência*. Essa solidariedade expandida também deve abarcar não apenas pessoas semelhantes, mas aqueles que vivem em outros países, por exemplo. Chegando até os animais, incluindo aqueles que não compartilham semelhanças com os seres humanos, e também as gerações futuras. “Infelizmente, envolvi-me ao chegar- disse ele, em um tom animado. - Nada com que se preocupar” (GAIMAN, 2013, s.p.).

A presença do minerador de opala dura por um curto período, pois, em uma noite o mesmo rouba o carro da família e desaparece. Porém, a polícia encontra um carro abandonado em uma estradinha afastada e com ele estava o minerador, no entanto, este havia se suicidado, e ao ir com o pai para identificar o carro, no meio deste episódio triste o garoto conhece Little Hipstock, que morava na fazenda Hipstock, e esta passa a ser sua melhor amiga, entretanto, com isso as coisas estranhas também começam a acontecer. (GAIMAN, 2013). A partir disso, a relação entre realidade e ficção fica ainda mais evidente, pois, o autor passa utilizar de seres místicos para pontuar como a criança experiencia seu cotidiano. Em um misto de relações entre pessoas comuns, como seus pais. E os seres estranhos, como a vilã Ursula Monkton, que representa o mundo paralelo a realidade e configura uma personagem adulta que age com crueldade.

E foi quando me dei conta que não tinha imaginado nada. Os lábios dela tinham roçado minha orelha. Ursula Monkton pairava ao meu lado, sua cabeça estava ao lado da minha, e quando me pegou olhando para ela abriu seu sorriso falso, e eu já não conseguia mais correr. Mal conseguia me mexer. Meu baço doía, eu não conseguia recobrar o fôlego, estava acabado (GAIMAN, 2013, p. 70).

O garotinho pensou que havia se livrado do verme, mas, para sua surpresa aquele bicho asqueroso havia se transformado em Ursula uma bela mulher que acaba sendo contratada para cuidar das casas e das crianças. No decorrer da estadia de Úrsula o garoto começa a perceber que ela era o verme que havia penetrado em seu pé, e conseqüentemente percebe que aquela mulher estranha era o ser esquisito que Little havia enfrentado, porém já era tarde, pois, a mulher já havia conquistado toda família, principalmente seu pai (GAIMAN, 2013).

O menino passa a observar o comportamento de seu pai com Ursula, na medida em que o mesmo estava sempre muito gentil com a mulher, e se comportando de forma estranha, passando a chegar até mais cedo do trabalho; todavia, sua inocência de criança não o fez desconfiar que seu pai estivesse cortejando Ursula. Ademais, em uma noite, quando todos estavam jantando, o garotinho se recusou a comer o jantar preparado pela



babá, sendo com isso, hostil com a mulher, levando assim seu pai a ter um ataque de fúria e para defendê-la tenta afogar o garoto na banheira. No entanto, este nunca havia sido agressivo com nenhum dos filhos. (GAIMAN, 2013). Neste sentido, o menino sente-se assustado por nunca ter presenciado seu pai agir com crueldade. E seu responsável, por estar muito envolvido pela vilã da história, não conseguia perceber também o sofrimento de seu filho. Pela primeira vez este entende que mesmo aqueles mais próximos podem ser cruéis.

O filósofo neopragmátista interpela que a crueldade, dor e humilhação são fatores comuns entre os seres humanos, ou seja, todos estão propensos a passar por situações de sofrimento e crueldade como a do garotinho, porém, estas podem ocorrer em menor ou maior grau. Neste sentido segundo Rorty (1994), o mais importante não é agir moralmente bem, ou seja, agir conforme uma conduta universal, mas sim, buscar reparar em sua própria ação e no sofrimento das outras pessoas. “[...], mas a moral não é manter-se afastado de rapariguinhas mas reparar no que está a fazer e em particular reparar no que as pessoas estão a dizer. É que pode acabar por se verificar, e muitas vezes verifica-se, que as pessoas estão a tentar dizer que sofrem [...]” (RORTY, 1994, p. 206).

Após a briga com seu pai, o protagonista vai para seu quarto e a vilã vai provocá-lo em seguida, e depois trancá-lo no quarto. Levando assim o menino a procurar todos os meios para fugir de casa e encontrar Little e explicar a ela tudo que estava acontecendo, pois, apenas ela poderia ajudá-lo. E durante a fuga viu que seu pai estava de romance com Ursula e constatou o que estava bem na sua frente o tempo inteiro, porém, no momento a única que coisa que importava a ele era conseguir fugir sem que Úrsula o visse, então aproveitou daquela situação para cumprir a fuga (GAIMAN, 2013).

Ao conseguir sair da casa, o personagem acaba se perdendo no caminho para a fazenda, no meio da chuva e da escuridão, o medo começa tomar conta do garoto, mas ele não desiste e segue tentando encontrar a fazenda, no entanto, para sua surpresa o ser estranho consegue encontrá-lo, mas, Little Hampstock intercede pelo menino e enfrenta o monstro, conseguindo derrotá-lo mais uma vez. E após tirar o monstro de seu caminho, Little leva o garoto para a fazenda e lá ele conta para as Hampstock o que estava acontecendo, com isso, elas acabam descobrindo que o portal de Ursula ainda continuava no pé do garoto (GAIMAN, 2013).

A relação entre o personagem principal e a vilã da história, permite compreender

que muitas vezes os indivíduos relacionam a crueldade, com alguém monstruoso, quase irreal. Porém, a atitude do pai com seu filho, no momento da briga entre ambos, deixa nítido que a crueldade poder ser algo intrínseco ao ser humano, até mesmo aquele que nunca cometeu um ato injusto pode vir a tomar uma atitude cruel. Assim, o sofrimento, a crueldade e a humilhação fazem parte do ser humano, tanto quanto a solidariedade. A partir dessa concepção, Richard Rorty (1994), ressalta que as atitudes boas ou ruins, e práticas justas ou injustas são normais. A partir disso, cabe dizer que muitas vezes os sujeitos sociais não param para refletir sobre suas próprias atitudes em relação a outros durante o cotidiano. Entretanto, cabe ressaltar que apesar da crueldade ser algo que todos compartilham, esse fator ocorre em menor ou maior grau. Pois, existe uma diferença entre ignorar um mendigo e cometer um genocídio. Entretanto, ambos os casos podem ser interpretados como uma atitude de indiferença e desumanização, porém, cada uma das situações ocorre em níveis de crueldade diferentes. Mas, não podem deixar de ser interpretadas como condutas *moralmente* errôneas.

[...] Although there is a huge difference in terms of wrongness between ignoring a beggar in the street and committing a stateorchestrated genocide, both events involve dehumanization and indifference which can be understood in terms of misrecognition of needs and lack of moral standing (BEAUDRY, 2012, s.p.).

No entanto, na concepção do neopramatista, mesmo sendo o menor tipo de ato cruel, não deixa de ser crueldade, como por exemplo, piadas racistas, homofóbicas, machistas, etc. Geralmente esse tipo de atitude não é interpretado como uma atitude de humilhação, mas apenas como uma *brincadeira*. Entretanto, configura-se como pessoas cruéis apenas figuras reais como Hitler. E personagens fictícios capazes de realizarem as maiores atrocidades para conseguir o que deseja. Todavia, o filósofo chama a atenção para a necessidade de repensar os princípios da moralidade, que ao preocupar-se em encontrar uma conduta universalmente boa. Esquecem de chamar a atenção para o fato de que qualquer pessoa pode agir de forma ruim, por isso, para ele o importante é promover o alargamento da solidariedade. Prestar atenção em que pode estar sofrendo, somente dessa maneira, pode haver uma mudança moral e social.

[...] Platão pensava que <<conhecer o bem>> era questão de aprender uma ideia geral, mas na verdade conhecer o bem é apenas sentir o que interessa aos outros, qual é a sua imagem do bem- notar se pensam no bem como algo redondo, suculento e rosado ou eventualmente algo em forma de prisma, parecido com uma jóia e brilhante. O artista terno e curioso seria o artista que, à semelhança de Shade ou Kimbote, teria tempo para as fantasias das outras pessoas e não apenas para as suas (RORTY, 1994, p. 201).



Nessa perspectiva, é possível dizer que a educação tem um papel central na concepção epistemológica e política rortyana. Dessa maneira, “[...] a política e a filosofia dependem da educação e não o inverso [...]” (SILVA, 2012, p. 510). Ao passo que a solidariedade pode ser compreendida como a base para uma mudança político-social. E é através da educação, sobretudo, da educação literária que o aumento da sensibilidade humana pode ocorrer. Pois, o escritor pode promover uma aproximação com a vida do leitor, e para tal, é necessário que o autor leve em consideração suas contingências individuais e sociais. Nesse ponto de vista é possível dizer que para Rorty, a filosofia falha em abarcar as preocupações morais e políticas a partir do momento que busca encontrar soluções e regras para determinados problemas, prendendo-se apenas em elaborar fundamentos para o conhecimento. Com isso, a filosofia torna-se ineficaz, pois, concentra-se em encontrar uma verdade universal, em uma tentativa de unir o vocabulário público e o privado. Desse modo, “Rorty sustenta ser alguém que, da mesma maneira que duvida da importância da filosofia para a política, também tem dúvidas da relevância da filosofia para a educação” (SILVA, 2012, p. 517).

No entanto, o estudioso destaca que o ironista liberal necessita dos dois tipos de vocabulários, e por sua vez, o vocabulário privado (individual), pode servir de fio condutor para a autonomia do ironista, dando espaço para a imaginação, a partir de suas próprias experiências. “[...] O tipo de pessoa a que no quarto capítulo chamei de <<ironista liberal>> precisa destes dois tipos de vocabulários [...]” (RORTY, 1994, p.181).

### **Considerações finais**

Em suma, é cabível concluir que a filosofia neopragmática de Rorty possibilita fazer uma análise precisa da sociedade contemporânea, sobretudo, nos dias atuais. Principalmente quando se remete a solidariedade humana. Nada obstante, um bom exemplo em que o pensamento rortyano se enquadra é contexto pandêmico em que o mundo está vivendo, visto que, tal circunstância não colocou em pauta apenas os riscos que o Vírus da Covid-19 proporciona a saúde humana, mas, também explicitou a forma com a qual os indivíduos vêm se relacionando uns com os outros.

O contexto pandêmico pôde demonstrar de forma clara como a solidariedade

humana é restrita e chega apenas aqueles que convivem no mesmo eixo e compartilham o mesmo vocabulário final, um bom exemplo a ser citado, é o aumento da imigração de povos pertencentes a países de baixo desenvolvimento. Onde tal imigração se dá principalmente pela busca de uma vida mais digna e melhor, em contrapartida, acabam se deparando com a pobreza, miséria e, sobretudo, com a indiferença dos nativos que muitas vezes os veem como intrusos e acabam *fechando os olhos* para este tipo de crueldade.

Toda via, ao colocar em questão que os antigos vocabulários e teorias como ferramentas que ajudaram a constituir os novos pensamentos, culturas e sociedade, o filósofo também possibilita pensar na filosofia não como algo absoluto e concreto ou inútil, mas, como algo que pode ser constantemente melhorada e contribuir para formação de novos conhecimentos. Por exemplo, quando Aristóteles descreve as mulheres como seres que não obtém razão, o mesmo não tinha consciência que seria um dos responsáveis por contribuir para o machismo, na medida que esta categoria não pertencia ao seu vocabulário. Mas, filósofas que o precederam, já podendo ter noção do problema, puderam facilmente criticá-lo e superá-lo, como fez Simone de Beauvoir.

Por fim, ao colocar em pauta as noções de crueldade humana, o estudioso permite também fazer uma análise de ações individuais para com outras pessoas. E refletir se somente é cruel alguém que pratica como Hitler, ou se uma pessoa comum que repudia as ações do mesmo também pode ser cruel com outra pessoa, mesmo que em menor proporção. Essa análise pode levantar questões como; “Como pode uma mulher defender o feminismo e a liberdade e ao mesmo tempo ser injusta ou indiferente com outra mulher que discorda de seus argumentos?” “Como pode alguém lutar por justiça pelos direitos de pessoas em situação de vulnerabilidade e ser ao mesmo tempo indiferente a um imigrante?” Em resumo, tal pensamento possibilita que a humanidade passe a questionar algumas atitudes diárias que muitas vezes pode ter a crueldade explícita ou implícita.

### Referências

BERALER, Tracy L.; LURIA, Rachel; YUEN, Wayne. **Neil Gaiman and philosophy**. Ed. Open Court, Chicago, 2012.

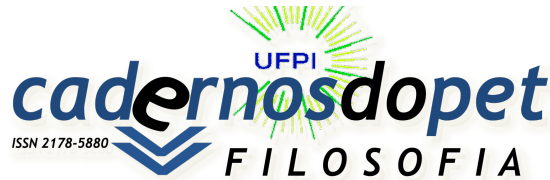
GAIMAN, Neil. **O oceano no fim do caminho**. Ed. Intrínseca Ltda, Rio de Janeiro, 2013.

HEGEL, Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Ed. Vozes, Petrópolis, 1992.

RORTY, Richard. **Ironia, contingência e solidariedade**. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

SILVA, Heraldo Aparecido. A Filosofia da educação de Richard Rorty: epistemologia, conversação, redescrições, narrativas e as funções da educação. **Ed. Educação e CADERNOS PET**, V. 13, N. 25





**Filosofia**, . Uberlândia- MG. Julho/dezembro,2012.

SILVA, Heraldo Aparecido. A caixa de ferramentas conceituais de Richard Rorty: uso da técnica AD HOC. Ed. **Revista eletrônica de filosofia**, São Paulo- SP. Julho-Dezembro, 2019.

SILVA, Heraldo Aparecido. Metáforas, redescrições e o processo contínuo de construção de novas subjetividades no neopragmatismo de Rorty. Ed. **Pensando- Revista de Filosofia**, Universidade Federal do Piauí- UFPI, 2019.

SILVA, Heraldo Aparecido. **Cultura pop: quadrinhos, cinema, seriados, animações, internet e afins**. Ed. Marca da Fantasia, Paraíba, 2021.